

# PRODUÇÃO TEXTUAL: A APLICAÇÃO DO PROCESSO NARRATIVO

*Fernanda da Silva, Lisandra Timm da Costa, Marilene Lima da Silva, Nilza Mara Pereira*©

## RESUMO<sup>®</sup>

Este artigo pretende divulgar os trabalhos realizados no projeto de pesquisa "Produção Textual: a aplicação do processo narrativo", que detém seus estudos no texto narrativo, abordando elementos pertinentes a essa tipologia de texto. Seu objetivo geral é aplicar, em sala de aula, um método alternativo de produção textual com o intuito de revalorizar essa atividade no âmbito escolar, uma vez que ela, além de aperfeiçoar o conhecimento lingüístico do aluno, auxilia-o, também, no desenvolvimento da sua capacidade de expressão e criticidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino, metodologia, narração

## INTRODUÇÃO

O ensino de redação geralmente não possui um espaço próprio nas escolas, sendo inserido, muitas vezes, na disciplina de Português. Essa situação não dá à atividade o valor merecido, ainda que seja muito importante para o aprendizado do aluno que haja um maior destaque às estratégias de redação.

Se o aluno aprender a utilizar os inúmeros mecanismos que a língua oferece e passar a empregá-los em seus textos, a tendência será de aperfeiçoamento no seu desempenho lingüístico. A ele deve ser ensinado que para a produção de um bom texto, não importa somente "o que" se diz, mas principalmente a forma "como" se diz.

A produção de texto, longe de ser um mero exercício de gramática, tem a responsabilidade de fazer com que o aluno

aprimore sua capacidade de expressão. E cabe ao professor mostrar o caminho que o aluno deve trilhar para expor e comprovar o seu posicionamento frente a um assunto determinado, extinguindo a idéia de que o texto se resume em um aglomerado de frases que enchem uma folha de caderno.

O presente projeto detém seus estudos no texto narrativo, trabalhando com alunos do Ensino Fundamental, a fim de construir uma prática mais eficaz no processo de ensino-aprendizagem da produção textual na escola. Sua aplicação dá-se com uma turma de 5ª série, escolha justificada pelo fato de que se torna necessário que o trabalho com o aperfeiçoamento das técnicas de produção principie no primeiro contato do aluno com os aspectos teóricos da produção de texto, o que ocorre justamente nessa fase da jornada escolar.

## 1 Embasamento Teórico

Segundo Serafini (1992, p.17), redigir um texto não significa ser alvo de uma "inspiração divina" e sim criar um trabalho com base em determinadas regras. A importância da produção textual nas escolas é hoje um fato inegável, no entanto, essa atividade ainda é vista como um mistério, sendo alvo de uma injusta desatenção por parte de todos os integrantes do sistema escolar. Serafini (p.19) afirma que não existe uma tradição didática para o ensino de redação e por isso professores e alunos são obrigados a encarar essa questão sem nenhum trabalho preparatório. Com certeza, uma das causas das dificuldades em abrir um maior espaço para a produção textual nas escolas é a

necessidade de uma metodologia consagrada para o seu ensino. Os professores sentem-se inseguros, pois não possuem um ponto de referência para lecionar redação e os alunos escrevem sem saber o que é esperado deles, nem como melhorar o seu desempenho.

O drama sofrido pelo aluno parece sem solução, ele encontra-se diante de um tema, sem saber como agir, então, continua Serafini, ele simplesmente escreve, sem ter conhecimento de nenhuma técnica de produção textual.

O conceito de redação deve ser repensado, a escola terá muito mais êxito na formação de bons escritores se revolucionar o papel do aluno e do professor diante da necessidade de se produzir um texto. De acordo com Serafini, até agora o professor tem sua tarefa resumida na determinação de um tema, quando, na realidade, deve assumir a responsabilidade de ensinar ao aluno técnicas concretas de composição textual, devendo apresentá-las como um trabalho que se desenvolve aos poucos e com empenho. O ensino dessas técnicas básicas, segundo a autora, deve tornar-se o objetivo da escola, em se tratando de produção textual.

Koch (1993, p. 17) encara a produção textual de uma forma bastante científica, dizendo que o homem usa a língua para comunicar-se em uma comunidade porque necessita estabelecer relações com seus semelhantes, assim, a linguagem passa a veicular intencionalidades. Quando o indivíduo realiza um ato de fala, por trás vem sempre um objetivo.

Koch afirma que somente este fato já justificaria uma maior atenção aos estudos que envolvem a prática de redação. E ao professor, ciente de que a língua é o instrumento de interação social, resta a opção de tornar o aluno um ser capaz de compreender, analisar, interpretar e produzir textos.

Esse projeto trabalha com o gênero textual mais primário, ou seja, mais comum entre as pessoas. Segundo Barbosa (1994), a tipologia que responde a essa característica é a narrativa. Para ele, narrar é simplesmente contar, ou seja, relacionar situações e personagens. As pessoas narram algo o tempo todo, é uma atividade do cotidiano e, por isso mesmo, trata-se da manifestação de linguagem mais presente na vida humana.

O ser humano tem paixão por contar e por ouvir histórias. Segundo o autor, contar é viver. É através da narração que se desenvolve a memória, a imaginação e a capacidade de perceber a realidade. Contar uma história é uma forma de criar e recriar a vida, por isso que narrar parece ser tão apaixonante, tanto para quem conta como para quem ouve.

Já para Herdade (2000), a narração ou narrativa pode se resumir em um simples relato de ordem cronológica, possuindo o objetivo de sensibilizar apenas quando se trata de um texto ficcional que represente idéias através de fatos vivenciados por personagens, em geral com verossimilhança, organizados em uma linguagem específica que dê forma e sentido.

Contrapondo-se à afirmação de Herdade, Platão e Fiorin (1999) dizem que é preciso, antes de tudo, diferenciar narrativa e narração. Para eles:

O componente narrativo de um texto é a mudança de situação, a transformação. Assim, a narrativa é um componente que pode existir em textos que não sejam narrações. Diferente da narração, que configura-se como um tipo de narrativa com características básicas.

Quanto à parte teórica da narração, os autores, em sua obra **Para entender o texto: leitura e redação**, 1990, esclarecem que a narrativa é constituída a partir da articulação de quatro fases. São elas: manipulação, fase em que um personagem

induz outro a fazer alguma coisa; competência, o sujeito do fazer adquire um saber e um poder; "performance", o sujeito do fazer executa sua ação; e sanção, o sujeito do fazer recebe castigo ou recompensa.

Para os autores, organizar a estrutura narrativa ajuda a entendê-la melhor. Por isso, é um bom exercício ver, analisar e compreender os seus elementos constitutivos. Essa questão justifica a necessidade da realização de um trabalho mais amplo com as atividades de redação narrativa, um trabalho que ultrapasse a simples tradição textual na escola.

De acordo com Guedes (2000), o estudo sobre o texto narrativo pode ser considerado como ponte necessária entre a língua que se fala e a língua que registra todo o acervo histórico-cultural. A prática da escrita, tendo como lugar único a escola, pode proporcionar ao aluno a oportunidade de criação produtiva se direcionada à contextualização em sala de aula, na sociedade e na história.

Somente após todos os diálogos possíveis, o texto produzido pode ser inserido nos parâmetros de gênero e estruturação. Neste trabalho de aplicação do texto narrativo, os diálogos entre professor e aluno e entre colegas sobre o conteúdo são considerados fundamentais, pois tanto o professor como os alunos auxiliam-se mutuamente. Segundo Calkins (1989), conteúdo é aquilo que os alunos têm a dizer e o que eles dizem é especialidade deles, na linguagem deles. O diálogo faz com que os alunos descubram que não só os detalhes sobre o tópico são relevantes, mas aprendem também que, para escreverem bem, a atenção ao tema deve ser mantida, que o estilo e a técnica não são os elementos mais importantes. Para Calkins, no primeiro momento, o produzir um texto significa escrever para aprender, não para convencer o leitor acerca do que se sabe. Os diálogos estabelecidos durante esta produção

podem ser registrados em diários para que sejam mantidos pelos alunos e utilizados em comparações com registros posteriores. Estas comparações podem servir na contextualização de conteúdos. Os diários servem, também, como fonte na formulação de questões adequadas e pertinentes por parte dos alunos, para que as discussões não sejam orientadas pela iniciativa do professor. Esta prática possibilita o desenvolvimento de uma postura questionadora por parte dos alunos.

Guedes apresenta, também, a necessidade de um outro tipo de contextualização, a da língua portuguesa. Esta contextualização pode ocorrer através do estabelecimento da adequada relação da língua escrita com a língua falada, levando-se, assim, para dentro da sala de aula as discussões tanto sobre o processo histórico institucionalizado de representação uniformizada quanto sobre a variação da língua. Durante estes diálogos, é importante que os alunos conheçam a verdadeira natureza e função dos padrões convencionais, por exemplo, das estruturas textuais, para que deixem de temê-las e odiá-las como inacessíveis modelos de restrições de idéias originais e passem a valorizá-las como meio de acesso ao patrimônio cultural expresso em língua escrita.

Ainda para Guedes, é preciso reverter a crença da incapacidade, substituindo-a pela convicção de que todos os alunos são capazes de escrever e que esta capacidade brota do trabalho de escrita e do diálogo do texto resultante desse trabalho com os leitores, ou seja, os colegas e o professor. No entanto, este autor ressalta que os diálogos somente fazem sentido se subsidiarem tantas reescritas quantas forem necessárias para a construção da clareza e da coerência textual.

## 2 Desenvolvimento do projeto

Os trabalhos realizados durante o desenvolvimento desse projeto visaram a atingir alunos do Ensino Fundamental, mais especificamente entre 5ª e 6ª séries. A fim de alcançar os objetivos propostos, usou-se uma metodologia que compreendeu as seguintes fases: primeiramente realizaram-se os planejamentos das aulas que foram ministradas no decorrer do projeto. Esses planos, abordaram os aspectos teóricos da produção textual; na parte prática, tiveram como base livros de literatura infantil, histórias em quadrinhos e charges, com os quais se pretendeu incentivar os alunos na produção de seu próprio texto.

O próximo passo foi a aplicação desse material em aulas de redação, realizadas através de oficinas com alunos do Ensino Fundamental. Ainda será organizado um seminário direcionado ao público docente, para troca de experiências e discussão da metodologia até hoje utilizada nas aulas de produção textual.

Esse projeto está sendo desenvolvido, não possuindo por isso resultados finais. Mas, a partir das aulas ministradas nas oficinas e do seminário com os professores, pretende-se analisar os dados, construindo-se um relatório contendo as conclusões acerca do trabalho realizado, para apresentação no Seminário do Programa de Licenciaturas – PROLICEN.

## CONCLUSÃO

### Resultados parciais

Considerando-se o aspecto mencionado acima de que o presente projeto ainda não possui resultados finais, apresentar-se-ão algumas discussões provenientes dos resultados já obtidos.

Na fase do embasamento teórico, puderam ser relacionados alguns conceitos pertinentes à prática narrativa. Conforme Barbosa, na narrativa, os elementos

essenciais são os acontecimentos e os indivíduos que participam desses acontecimentos, ou seja, situações e personagens que as vivenciam. De um modo sintético e simples, narrar é contar, e contar é relacionar situações e personagens; é viver nossa memória, nossa imaginação, nossa capacidade de perceber a realidade acontecendo ao nosso redor, e de nos percebermos como seus personagens. A isso, Jorge Miguel acrescenta que a narração não se sujeita única e exclusivamente à história, mas modela-se, acompanhando o temperamento do autor; por isso é pessoal e íntima.

Para Branca Granatic, o processo narrativo consiste em uma introdução, que encerra o fato a ser narrado, o tempo e o local em que ele ocorre; um desenvolvimento, composto do motivo que ocasionou o fato e do modo como ele se desenvolveu, assim como a apresentação das personagens; e uma conclusão, apresentando a consequência do fato. Já Jorge Miguel, em seu livro **Curso de Redação**, apresenta o processo narrativo da seguinte forma:

- *Preâmbulo*: introduz as personagens, o ambiente, as circunstâncias e o tempo. Deve ser breve. O autor observa que quem se perde no preâmbulo não sabe contar histórias.

- *Ação*: na ação o autor leva o leitor à curiosidade de querer chegar ao fim, e tudo é feito para provocar esse desejo. Observando que o desfecho não deve ser revelado nessa parte. É a ação que alimenta a história, criando expectativas, revelando conflitos.

- *Desfecho*: é no desfecho que a curiosidade se satisfaz. E é nessa parte da narrativa que desencadeia no leitor o sentimento, as emoções. Passando do riso ao choro, do ódio ao amor.

Quanto às aulas ministradas na oficina de redação na Escola Lívia Menna

Barreto, pode-se concluir que houve uma participação mais acentuada por parte dos alunos, os quais conseguiram, através de uma boa expressão oral, uma construção relativamente organizada de seu texto. Um fator que nos interessa tanto quanto a melhora do desempenho lingüístico dos alunos, também apresentou um aspecto positivo: eles apresentaram maior interesse e disposição para o trabalho com o texto escrito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Severino Antônio. **Redação: escrever é desvendar o mundo.** 9ª ed. São Paulo: Papyrus, 1994.

CALKINS, Lucy McCormick. **A arte de ensinar a escrever.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GRANATIC, Branca. **Técnicas Básicas de redação.** 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1999.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

HERDADE, Márcio Mendes. **Novo manual de redação.** São Paulo: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore. **Argumentação e linguagem.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PLATÃO SAVIOLI, Francisco e FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto – leitura e redação.** 11ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

PLATÃO SAVIOLI, Francisco e FIORIN, José Luiz. **Lições de texto: leitura e redação.** 4ª ed. São Paulo, 1999.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos.** 5ª ed. São Paulo: Globo, 1992.

## NOTAS

---

© Trabalho desenvolvido dentro do Projeto "Produção Textual: A Aplicação do Processo Narrativo" (PROLICEN/2003) pelas acadêmicas do Curso de Letras – Português, Orientadas pela Prof.ª Dr.ª Ceres Helena Ziegler Bevilaqua